

TÍTULO DO RESUMO: CONSTRUINDO O DEBATE ENTRE A TECNODIVERSIDADE E A ANTROPOLOGIA SIMÉTRICA.

Guilherme Romani Stadler (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Simone Pereira da Costa
Dourado (Orientadora). E-mail: spcosta@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Antropologia/Teoria Antropológica.

Palavras-chave: Antropoceno; Virada Ontológica; Natureza/cultura.

RESUMO

Este trabalho investiga as relações entre os conceitos de cosmotécnica e tecnodiversidade, em Yuk Hui, e os de multinaturalismo perspectivista e política cósmica ligados ao antropólogo Eduardo Viveiros de Castro e à antropologia simétrica. Para além disso, busca entender como esses conceitos podem ser respostas ao Antropoceno e sua ontologia naturalista que separa natureza e cultura em pares dicotômicos e estabelece um conceito de técnica e tecnologia como meramente instrumentais. Aborda o debate sobre a(s) saída(s) para a crise ecológica e social do mundo, o papel do antropólogo e como a antropologia pode contribuir para construção de novas ontologias.

INTRODUÇÃO

É comum, ao falar em tecnologia, associá-la a algo não essencial ou algo meramente instrumental, homogêneo e universal. Esse universalismo favorece uma história tecnológica fundamentalmente europeia (Hui, 2020). A maneira como percebemos a tecnologia como força exclusivamente produtiva e mecanismo capitalista voltado ao aumento da mais-valia nos impede de enxergar seu potencial decolonizador e como ela é necessária para o desenvolvimento e a manutenção da tecnodiversidade (Hui, 2020). Neste sentido, a crítica de Hui se direciona à essa concepção moderna e ocidental acerca da tecnologia e propõe, na contramão, conceitos mais plurais e múltiplos de técnica/tecnologia – a cosmotécnica e a tecnodiversidade. Em uma definição preliminar “cosmotécnica é a unificação do cosmos e da moral por meio das atividades técnicas, sejam elas da criação de produtos ou de obras de arte. Não há apenas uma ou duas, mas muitas cosmotécnicas” (Hui, 2020, p.39) e essa diversidade de cosmotécnicas é a tecnodiversidade.

A tecnologia é um tema central (Hui, 2020) na contemporaneidade, principalmente em relação às crises da modernidade (ecológica, política, etc) e na interação entre natureza e cultura. E para além de pensarmos novas cosmotécnicas como

cosmopolíticas envoltas em uma tecnodiversidade, é preciso refletir sobre uma oposição ao eixo dicotômico de natureza e cultura - tipicamente estabelecido pelos antropólogos em um tipo de obediência à velha matriz metafísica ocidental. Há uma redistribuição de predicados subsumidos nas duas séries paradigmáticas da natureza e da cultura, tais como: universal e particular, objetivo e subjetivo, físico e moral, fato e valor, dado e instituído, corpo e espírito, animalidade e humanidade (Viveiros de Castro, 2018). A “virada ontológica” (ou antropologia simétrica) é uma resposta direta à crise da modernidade que, de modo geral, se expressa em termos de uma crise ecológica que, agora, está intimamente ligada ao Antropoceno. É uma tentativa de levar em conta a existência de diferentes ontologias (Hui, 2020).

A antropologia simétrica, na perspectiva de Latour (2019), trata natureza e cultura (sociedade) sob o mesmo plano, pois ambas são efeitos de redes heterogêneas. Não quer dizer que os elementos contidos em ambas são os mesmos, mas que podem ser descritas da mesma maneira e tratadas sobre os mesmos termos. Nesse sentido, portanto, “a natureza não existe (como um domínio), mas apenas como a metade de um par definido por um conceito único” (Latour, 2019, p.40). É preciso tomar a oposição Natureza e Cultura como tópico; transformar aquilo que é um recurso explicativo em um objeto a ser explicado equivale a privar-se de um elemento de metalinguagem para fazer dele um campo de estudo (Latour, 2019). Neste sentido, a antropologia deve trabalhar na possível solução (ou “desconstrução”) dos megaconceitos modernos da própria antropologia – em extensão, da própria ontologia naturalista do Antropoceno. Falar em simetria é tornar a antropologia capaz de enfrentar não as crenças que não nos tocam diretamente, mas sim os conhecimentos os quais aderimos totalmente; é torná-la capaz de estudar as ciências, ultrapassando os limites da sociologia do conhecimento e, sobretudo, da epistemologia (Latour, 2019). O antropólogo “não precisa mais limitar-se às culturas, já que as naturezas se tornam igualmente passíveis de estudo” (Latour, 2019, p.119). É o princípio da simetria generalizada: a natureza e a sociedade precisam ser explicadas e a explicação parte dos quase-objetos. Se trata de explicar com os mesmos termos as verdades e os erros; estudar, ao mesmo tempo, a produção dos humanos e dos não-humanos e ocupar uma posição intermediária entre os terrenos tradicionais e os novos, porque suspende toda e qualquer afirmação a respeito daquilo que distinguiria os ocidentais dos “Outros” (Latour, 2019). “Ora, não existem nem culturas – diferentes ou universais – nem uma natureza universal. Existem apenas naturezas-culturas, as quais constituem a única base possível para comparações” (Latour, 2019, p.129-130). A antropologia simétrica, afinal, compreende que todos os coletivos constituem naturezas e culturas, onde apenas a dimensão da mobilização pode variar.

MATERIAIS E MÉTODOS

A revisão de literatura utilizada neste projeto se centrara nas discussões estabelecidas por Yuk Hui no seu livro *“Tecnodiversidade”* (2020), no qual ele cunha os conceitos de cosmotécnica e tecnodiversidade e, também, se utiliza das contribuições de Eduardo Viveiros de Castro em seu livro *“Metafísicas Canibais”* (2018), espaço de elaboração do conceito de multinaturalismo perspectivista, e da crítica à dicotomia natureza e cultura. Também se ampara no trabalho de Bruno

Latour, intitulado *“Jamais fomos modernos”* (2019), que lança as bases para uma crítica elaborada da modernidade, a explosão dos híbridos de natureza e cultura e da proposição de uma antropologia que se utilize da simetria generalizada, onde se torna possível analisar e lidar com esses híbridos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A respeito do objetivo principal, o projeto consegue introduzir e centralizar o debate em torno da dicotomia natureza e cultura e tecnologia, colocando a última como um tema central na contemporaneidade. Introduz o filósofo Yuk Hui e os conceitos de cosmotécnica e tecnodiversidade, cunhados por ele, e inicia o debate com a antropologia simétrica e seus conceitos de multinaturalismo, perspectivismo e cosmopolítica.

A percepção da antropologia simétrica acerca da dicotomia natureza e cultura, e de outras que derivam dela, como humanidade/animalidade, demonstrou como essas dicotomias não se sustentam do ponto de vista etnográfico, epistemológico e ontológico das diversas socialidades não-modernas. A cosmologia é essencial para o conceito de “natureza” e de “ontologia” dos antropólogos, já que “a natureza” é definida de acordo com diferentes “ecologias de relações”, nas quais observam-se diferentes formas de relações, como: o parentesco entre mulheres e vegetais ou a fraternidade entre caçadores e animais (Hui, 2020). No geral, as multiontologias se expressam como multinaturezas. Elucidar, nesse sentido, a questão da (cosmo)técnica é necessário para que a criação e o desenvolvimento de uma cosmopolítica seja possível (Hui, 2020).

A respeito do objetivo principal, o projeto conseguiu sistematizar, descrever e analisar os conceitos de tecnodiversidade (como uma diversidade de cosmotécnicas), cosmotécnica (como a união entre as cosmovisões locais e a técnica), multinaturalismo (inverso do multiculturalismo, afirmando a variação da Natureza e a variação como natureza) e a cosmopolítica (colocada sob o aspecto da localidade, não da universalidade). Os dois primeiros conceitos ligados à filosofia de Yuk Hui e os dois últimos associados à antropologia, com foco nas obras de Viveiros de Castro.

A respeito dos objetivos específicos, o projeto trata das possíveis respostas ao Antropoceno, em especial as que giram em torno da cosmopolítica indígena definida como “primitivismo estratégico” – essa, ligada ao multinaturalismo perspectivista definido por Viveiros de Castro – e em torno da proposta de tecnodiversidade de Yuk Hui – como uma série de cosmotécnicas locais onde cada povo e cultura deve analisar e sistematizar suas cosmotécnicas, sendo uma necessidade urgente devido a centralidade da tecnologia nos debates acerca de natureza e cultura na contemporaneidade.

CONCLUSÕES

O projeto, enfim, teve como resultados a descrição e análises a respeito dos quatro conceitos (tecnodiversidade, cosmotécnica, multinaturalismo e cosmopolítica) ligados ao filósofo da tecnologia Yuk Hui e à antropologia simétrica. Fez a interlocução entre os autores e o campo pesquisado – tanto em seus distanciamentos quanto aproximações – e introduziu os objetivos específicos de forma a continuar as análises realizadas e a desenvolver potencialmente os objetivos do projeto. O futuro, ou os “mundos futuros”, articulados sobre o projeto plural da tecnodiversidade estabelece como proposta um programa por meio do qual a cultura possa reintegrar a tecnologia e voltar a conectar a natureza com a técnica (Hui, 2020). O papel da antropologia estaria por simetrizar, na esteira de Latour (2019), as diversas proposições cosmotécnicas em torno de uma rede ‘*eco-tecno-lógica*’ na qual os híbridos possam circular entre os campos do saber e da agência nas ‘*políticas cósmicas*’. Seria, pois, abrir o caminho para a dissolução de uma concepção monotecnológica (que também é mononaturalista) e construir os caminhos para se habitar um planeta já muito danificado (Haraway, 2016). O multinaturalismo perspectivista, ensejado no projeto cosmopolítico antropomórfico: o “primitivismo estratégico”, é uma forma de articular uma agência cósmica que coloque a autonomia dos conceitos e cosmopolíticas dos (*alguns*) indígenas no centro do debate do Antropoceno. Um pluralismo ontológico que aborde algo “aparentemente clichê”, mas real de que devemos descobrir que a natureza, também, está em nós e precisamos aprender a nos relacionarmos melhor com essa evidência (Rapchan & Carniel, 2020).

AGRADECIMENTOS

Agradeço, na realização desse projeto, ao CNPq pelo financiamento através da bolsa de pesquisa e à Universidade Estadual de Maringá (UEM) pelo incentivo através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq/FA/UEM) e à minha orientadora Prof. Dra. Simone Pereira pelas orientações, caminhos e saberes transmitidos durante todo projeto.

REFERÊNCIAS

HARAWAY, Donna. **Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes**. Tradução: Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. ClimaCom Cultura Científica, 2016.

HUI, Yuk. **Tecnodiversidade**. Traduzido por Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. São Paulo, Editora 34, 2019.

RAPCHAN, E.S; CARNIEL, F (2020). **Desigualdades entrelaçadas: figurações da animalidade no imaginário colonial-moderno**. RELECA, 2(7), 277-303.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural**. São Paulo: Ubu Editora, n-1 edições, 2018.

